



19 de Março de 2024

Cabo Ligado Mensal: Fevereiro de 2024

[Cabo Ligado](#) é um observatório de conflitos em Moçambique lançado pela ACLED, Zitamar News e MediaFax.

ESTATÍSTICAS VITAIS

- ACLED regista 24 eventos de violência política em Cabo Delgado em Fevereiro, resultando em pelo menos 44 fatalidades
- Dezesete dos eventos políticos foram incidentes contra civis, 15 dos quais foram perpetrados pelo EIM
- Os eventos concentraram-se maioritariamente no distrito de Chiúre, no sul, onde ACLED regista 11 eventos de violência política

TENDÊNCIAS VITAIS

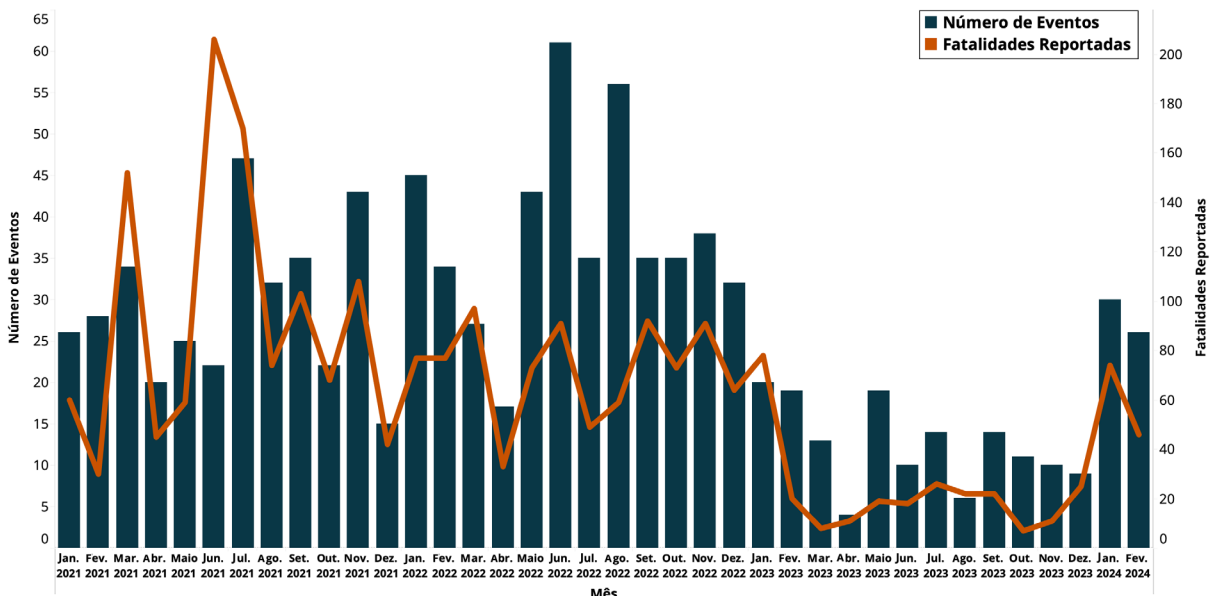
- O EIM matou 20 membros das FDS num incidente, o maior número de mortes de forças estatais desde março de 2021
- Em eventos que visavam civis, o EIM matou pelo menos 15 civis, cinco vezes mais do que os mortos pelas FDS
- O EIM manteve-se activo nos distritos de Macomia e Meluco, particularmente ao longo da autoestrada N380

NESTE RELATÓRIO

- Comunicação governamental frágil
- A guerra do Estado Islâmico em Moçambique contra a igreja
- O que as reportagens fotográficas do EI nos dizem sobre o conflito

Violência Política e Fatalidades Reportadas em Cabo Delgado

Janeiro de 2021 - Fevereiro de 2024



RESUMO DA SITUAÇÃO DE FEVEREIRO

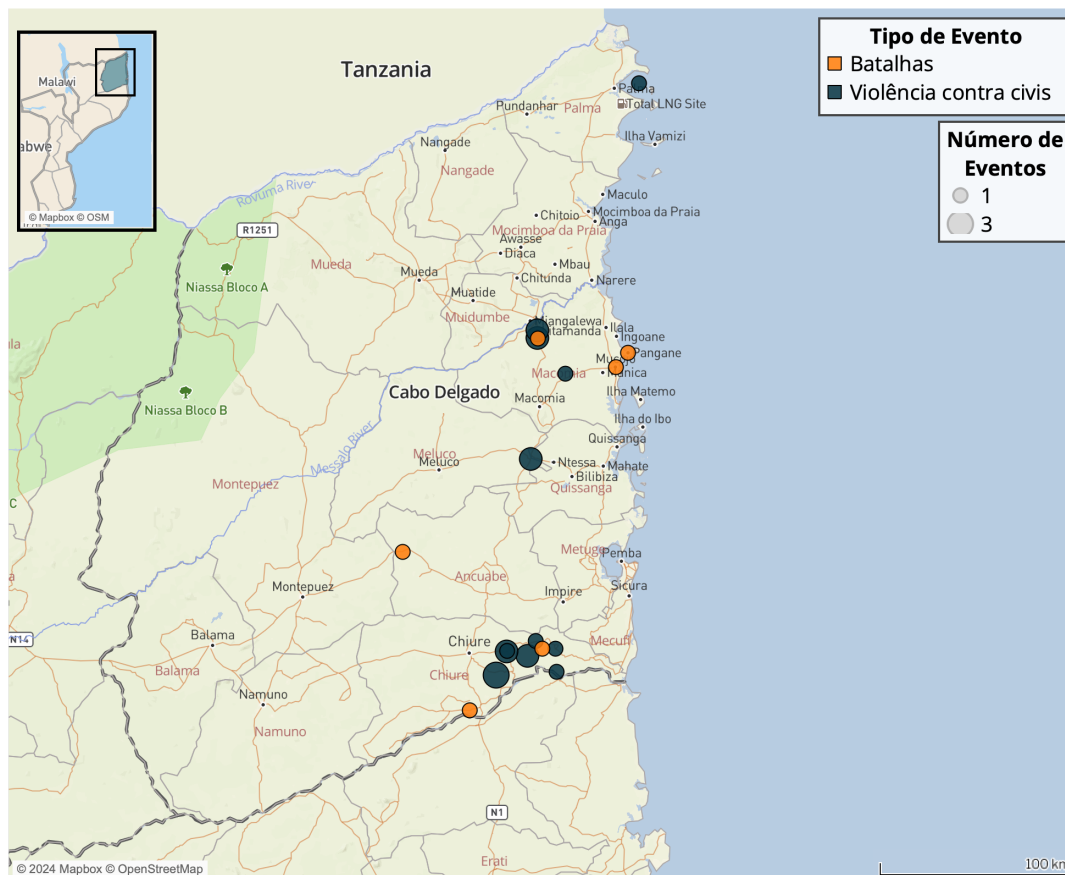
O mês de Fevereiro foi mais notável pelo avanço do Estado Islâmico de Moçambique (EIM) para sul, até ao distrito de Chiúre, e por uma vitória significativa do grupo no distrito de Macomia. O EIM esteve activo em Chiúre entre 9 e 28 de Fevereiro, com pelo menos um grupo a deslocar-se para norte, para o distrito de Ancuabe, na segunda metade do mês, presumivelmente regressando aos campos no distrito de Macomia. Embora as Forças de Segurança Ruandesas (RSF) tenham sido enviadas para Chiúre a partir da sua base de Ancuabe, a norte, ACLED regista apenas um confronto entre o EIM e as forças estatais no distrito de Chiúre durante o mês, e um confronto com a milícia desarmada de Naparama.

No distrito de Macomia, a 9 de Fevereiro, o EIM invadiu uma base das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) na aldeia de Muchojo, na costa de Macomia. Esta foi a terceira vez que o controlo da aldeia mudou de mãos desde 20 de Janeiro. O EIM matou pelo menos 20 no ataque. As FADM não regressaram à aldeia, cedendo assim efectivamente o controlo de Muchojo e áreas circundantes ao EIM.

Os canais de comunicação social do Estado Islâmico (EI) deram uma cobertura significativa aos acontecimentos em Moçambique, através de reivindicações de incidentes, reportagens fotográficas e cobertura no seu boletim informativo semanal al-Naba, e relatórios de áudio relacionados.

Violência Política em Cabo Delgado

Fevereiro de 2024



COMUNICAÇÃO GOVERNAMENTAL FRÁGIL

Por Tomás Queface, Zitamar News

A falta de comunicação consistente sobre o conflito no norte de Moçambique continua a ser uma das maiores fraquezas das autoridades moçambicanas na sua resposta à insurgência. Uma característica desde o início do conflito, foi exacerbada pelo aumento dos ataques dos insurgentes nas últimas semanas. A recente escalada de violência, o alastramento de grupos insurgentes pelo centro e sul de Cabo Delgado, os ataques a aldeias, a destruição de casas, igrejas e infraestruturas governamentais, bem como o assassinato de civis, provocaram uma reação descoordenada, distorcida, e confusa das autoridades, o que levou a tensão com os meios de comunicação social.

No dia 29 de Fevereiro, o Ministro da Defesa de Moçambique, Cristóvão Chume, [descreveu](#) o movimento dos grupos insurgentes, que se aproximaram a 20 quilómetros da capital da província, Pemba, como uma tentativa de criar pânico entre a população. Segundo Chume, estas incursões de pequenos grupos não implicam um recrudescimento da violência e a situação na província permanece “estável”. Na altura em que Chume fez estas declarações, as organizações humanitárias [relatavam](#) que mais de 30 mil pessoas tinham sido deslocadas pelos ataques em Chiúre e fugido para a província vizinha de Nampula. Falando sobre os ataques a Mazeze, o administrador de Chiúre, Oliveira Amimo, [disse](#) que os ataques dos insurgentes resultaram na destruição de infraestruturas básicas, como edifícios governamentais, igrejas e casas. Perante a informação sobre o impacto dos ataques, o bispo de Pemba [disse](#) que não há dúvidas de que a província de Cabo Delgado está “a arder” e que não adianta minimizar a situação.

O Presidente moçambicano, Filipe Nyusi, também deu uma visão menos optimista do conflito. Em primeiro lugar, [disse](#) que a nova dinâmica dos insurgentes exige uma nova abordagem por parte das Forças de Defesa e Segurança (FDS) de Moçambique. No entanto, quando o governo francês [emitiu](#) um comunicado alertando os seus cidadãos contra viagens a determinados pontos de Cabo Delgado devido ao aumento da instabilidade, Nyusi ficou [furioso](#), dadas as implicações que o comunicado poderia ter para a retoma dos trabalhos da multinacional francesa Total sobre o seu projecto de gás natural liquefeito em Afungi, Palma. Embora não tenha fornecido qualquer informação que contrarie o aviso, Nyusi disse não compreender porque é que os franceses emitiram tal declaração. O Presidente Nyusi disse mais tarde que os movimentos insurgentes no sul tinham como objectivo o [recrutamento](#) de “crianças e jovens”, mas que as FDS tinham frustrado esses esforços.

Enquanto o Ministro Chume minimizou a situação de conflito e o Presidente Nyusi mostrou algumas preocupações com os novos desenvolvimentos, o governador de Cabo Delgado, Valige Tauabo, dirigiu os seus ataques à imprensa. Ele [acusou](#) os jornalistas de estarem “em harmonia” com os insurgentes ao reportarem os ataques dos insurgentes em tempo real. Isto, acredita ele, enfraquece as FDS. Acusou a imprensa de ser antipatriótica ao destacar os feitos dos insurgentes e não das forças moçambicanas.

Estas inconsistências nas informações sobre o conflito e os ataques aos meios de comunicação revelam a fraqueza do governo na gestão da comunicação. Esta fraqueza pode dever-se à falta de uma estratégia central de comunicação, que permitiria ao governo falar a uma só voz e apresentar uma versão e resposta unificada ao conflito, evitando assim intervenções conflituosas, contraditórias e incoerentes.

O governo tem uma abordagem reactiva em vez de proactiva; as autoridades só falam sobre o conflito quando estão sob pressão pública. Uma abordagem proactiva permitir-lhes-ia disponibilizar informações para que pudessem tomar decisões e tomar medidas antecipadas para resolver questões de segurança. Outro problema é a falta de informes regulares com os meios de comunicação social. A ausência de

informação oficial regular leva, por exemplo, a situações em que os jornalistas são forçados a confiar na informação fornecida pelo EI na ausência de informação oportuna de fontes oficiais. Para piorar a situação, o governo tem confiado em canais de propaganda ou meios de comunicação controlados pelo Estado para responder às críticas e divulgar informações que deturpam a realidade, em vez de transmitir factos no terreno.

A GUERRA DO ESTADO ISLÂMICO EM MOÇAMBIQUE CONTRA A IGREJA

Por Tom Gould, Zitamar News

Em Fevereiro, o EIM empreendeu a sua maior campanha contínua de ataques a propriedades cristãs na província de Cabo Delgado desde o início do conflito em 2017, alegando ter queimado 18 igrejas em apenas três semanas. Embora a propaganda do EIM tenha sempre invocado a [linguagem da guerra santa contra os “infiéis”](#), estes incêndios de igrejas representam um novo esforço para dar efeito à sua retórica, consistente com outras tentativas recentes de adoptar os traços de um verdadeiro Estado islâmico.

Os ataques concentraram-se todos no distrito de Chiúre, no sul de Cabo Delgado, onde os insurgentes lançaram uma ofensiva no início de Fevereiro e passaram grande parte do resto do mês saqueando aldeias, destruindo edifícios e assassinando civis. No jornal al-Naba do EI e nas redes sociais, os insurgentes alegaram ter queimado um total de 18 igrejas em nove aldeias de Chiúre. Muitas destas reivindicações foram acompanhadas de fotografias de combatentes a incendiar igrejas e a demolir outros ícones cristãos, como crucifixos.

Numa reunião com representantes da igreja local, Dom António Juliasse, Bispo de Pemba, disse que os cristãos em Cabo Delgado viviam num estado de perseguição, segundo um missionário brasileiro que estava presente. Juliasse teria dito que a igreja de Pemba estava a passar por um “momento de tribulação” e que a diocese se recusaria a pagar quaisquer resgates para libertar reféns cristãos, uma vez que isso alimentaria a insurgência – e que o Presidente Nyusi tinha ficado descontente com o facto de o anterior bispo de Pemba, Dom Luís Lisboa, ter pago um resgate pela libertação de duas freiras brasileiras raptadas em Mocímboa da Praia em 2020.

Embora o número de igrejas destruídas nesta campanha seja incomum, não é a primeira vez que os insurgentes têm como alvo instituições cristãs. O EI assumiu a responsabilidade pelo incêndio de pelo menos 10 igrejas em 2022, cinco delas durante uma onda de ataques nos distritos de [Ancuabe](#) e [Macomia](#) em Junho. Em Setembro desse ano, uma ofensiva insurgente também levou a uma breve incursão na província de Nampula, onde combatentes [atacaram uma missão católica](#) em Chipene, matando a tiro uma freira italiana e incendiando as instalações.

Em [Maio de 2020](#), os insurgentes saquearam um mosteiro beneditino e incendiaram um hospital católico em Awasse, no distrito de Mocímboa da Praia, suscitando receios de que os insurgentes tivessem como alvo as comunidades cristãs. O Bispo Lisboa procurou então dissipar esses receios, salientando que outros edifícios também tinham sido destruídos. Cabo Ligado observou na altura que havia poucos indícios de que a ênfase dada pelos insurgentes ao ataque aos cristãos na sua propaganda estivesse a orientar as suas decisões sobre os alvos.

Com estes últimos ataques em Chiúre, não há dúvidas de que os insurgentes estão à procura de alvos cristãos. Isto parece fazer parte de uma tentativa mais geral de [concretizar a sua pretensão de incorporar um “califado”](#), ou governo islâmico. Depois de assumirem Mucojo, em Macomia, em Janeiro, os insurgentes

proibiram o álcool e impuseram códigos de vestimenta e cortes de cabelo com base numa interpretação estrita da lei Sharia.

Em [Fevereiro](#), os insurgentes também deixaram uma nota no distrito de Quissanga exigindo que os não-muçulmanos pagassem um imposto chamado 'jizya' e até formaram postos de controlo onde recolheram dezenas de milhares de Meticais dos condutores que passavam. Os insurgentes têm deixado notas como esta em Cabo Delgado desde, pelo menos, [Novembro de 2022](#), mas só este mês começaram a tentar fazer cumprir este imposto.

Embora a insurgência esteja filiada ao EI desde 2019, até recentemente, os seus objectivos têm sido em grande parte obscurecidos pela violência aparentemente indiscriminada. Os incêndios de igrejas em Chiúre podem ser o culminar de um realinhamento estratégico que procura clarificar o compromisso do grupo em estabelecer uma ideia extrema de um Estado islâmico em Moçambique.

O QUE AS REPORTAGENS FOTOGRÁFICAS DO EI NOS DIZEM SOBRE O CONFLITO

Por Peter Bonfim, ACLED

O EI deu destaque a Moçambique nos seus canais de comunicação social em Fevereiro. O semanário al-Naba produziu um infográfico das atividades do EIM de 26 de Dezembro a 16 de Fevereiro, enquanto o EI também emitiu treze reivindicações por incidentes durante o mês. Mais incomum ainda, o EI também divulgou cinco reportagens fotográficas separadas ao longo do mês, contendo 94 fotografias. O material apresentado dá-nos pistas sobre a liderança e a importância da ideologia jihadista do EI para o EIM. Ficamos com uma ideia dos números atuais, dos recursos à sua disposição e da relação com as operações mediáticas do EI. Também temos uma ideia das condições em que os militares de Moçambique operam.

Um homem aparece em cada uma das três reportagens fotográficas publicadas pelo EI para cobrir as suas ações em Chiúre durante o mês. Uma fotografia tirada na aldeia de Muirota, a 15 de Fevereiro, a julgar por uma reivindicação anterior do EI de um ataque naquele local, mostra um homem mascarado, em uniforme militar, supervisionando uma decapitação. Na coroa da sua espingarda está escrito o nome "Abuu Jafar". Aparece novamente numa fotografia tirada na aldeia de Samuel Magaia, no dia 17 de Fevereiro, novamente supervisionando uma decapitação. O mesmo homem é visto numa fotografia tirada em 26 de Fevereiro na aldeia de Monothe. Ele está do lado de fora de uma igreja com o pé numa cruz e é flanqueado por três homens, dois dos quais exibem uma bandeira preta e branca do EI. Pouco se sabe sobre a liderança do EIM após o assassinato de Bonomade Machude Omar em [Agosto de 2023](#). No entanto, o destaque deste homem nas reportagens fotográficas indica que ele ocupa uma posição de liderança. Não se sabe o cargo que poderá ocupar. Também em Fevereiro, surgiram relatos de um líder com um nome semelhante, Abdullahi Janfar Nurdin, referido num [relatório](#) simplesmente como Janfar Nurdin. Segundo [o jornal Redactor](#), ele é natural de Cabo Delgado e esteve no bloqueio de uma estrada em Macomia no dia 11 de Fevereiro.

Fotografias do distrito de Chiúre projectavam a ideologia jihadista do EI. Quase 50% mostraram a destruição de igrejas, "escolas cristãs" e cruzeiros. Seis fotografias eram de decapitações de "cristãos", supervisionadas por "Abuu Jafar". Em contraste, os dos distritos de Macomia e Mecufi projectavam poder militar. Das 51 fotografias da emboscada de 30 de Janeiro a uma patrulha conjunta das FADM/Força Local no distrito de Mecufi e do ataque de 9 de Fevereiro ao posto avançado de Mucojo, 22 retratam vítimas.

As imagens de Mucojo confirmam que uma força considerável e bem armada foi destacada para o local.

Fontes locais disseram que até 150 combatentes estiveram envolvidos. Uma fotografia de combatentes em formação de marcha mostra dezenas. O EIM está certamente mais forte depois dos ataques. Fotos de armamentos apreendidos durante os dois incidentes mostram pelo menos 19 metralhadoras leves, 10 metralhadoras médias e uma metralhadora pesada. Pelo menos cinco lançadores de granadas também são vistos, bem como uma série de munições.

Capturar tais temas de forma tão clara em tão curto período de tempo indica que existe uma comunicação eficaz com o Gabinete de Comunicação Social do EI, que possui [diretrizes claras](#) para os tipos de imagens que pode utilizar. Isto também é visto no infográfico al-Naba, que apresenta detalhes de eventos que corresponderam de perto aos registros ACLED daquele período.

Finalmente, as imagens de Mucojo dão-nos uma ideia sobre as condições em que os militares de Moçambique operam. Parecem tão bem equipados, em armamento e trajes de batalha, quanto seus atacantes e igualmente dependentes de materiais recolhidos localmente para abrigo. Uma cama costeira típica amarrada com corda de coco é mostrada em um abrigo feito de uma porta de madeira removida. O que talvez tenha sido mais aparente foi a sua ausência no distrito de Chiúre, através do qual o EIM parecia circular livremente em Fevereiro.



ZITAMAR
NEWS



ACLED
Bringing clarity to crisis

mediaFAX